



Fórum: um espaço para a construção da Autonomia na Educação a Distância

Corbellini, Silvana, UFRGS, silvanacorbellini@gmail.com

Corte Real, Luciane M., UFRGS, lucreal@gmail.com

RESUMO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa em forma de estudo de caso, realizado em uma turma de graduação na modalidade semipresencial de cursos de Licenciatura em uma Universidade Federal. Investigaram-se as interações realizadas em seis fóruns no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), buscando um entendimento sobre a condução do processo de ensino-aprendizagem e os fatores que auxiliaram a fomentar a construção da autonomia do aluno. O referencial teórico que norteou o trabalho foi a Epistemologia Genética e autores atuais que estudam a Educação a Distância. Como resultados, aponta-se para a importância de propiciar espaços que possibilitam a interatividade entre os componentes e a atenção à mediação pedagógica, como um componente fundamental para auxiliar na passagem da heteronomia à autonomia.

Palavras-chave: Epistemologia Genética; Educação a Distância; Educação Semipresencial; Autonomia.

Forum: a space the construction of the student autonomy in Distance Education

ABSTRACT

This essay is related to a qualitative research as a case study conducted in a semipresential graduating class in a Federal University. It was investigated the interactions carried out in six forums in the Virtual Learning Environment (VLE), seeking an understanding of the conduct of the teaching-learning process and the factors that helped to foster the construction of the student autonomy. The theoretical framework that guided the work was the Genetic Epistemology and current authors who study distance education. As a result, we point to the importance of providing spaces that allow interactivity between components and attention to pedagogical mediation, as a key component to assist in the transition from heteronomy to autonomy.

Keywords: Genetic Epistemology. Distance Education. Semipresential Education. Autonomy

1. Introdução

Ao se refletir sobre a educação no mundo atual, muitas considerações tornam-se pertinentes. Elenca-se neste trabalho, as questões que dizem respeito à construção de um aluno autônomo no espaço virtual.

Este artigo é um recorte de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida em uma Universidade Federal, buscando-se conhecer o perfil do aluno da modalidade semipresencial, sendo que em um sentido mais estrito, de como o aluno apropria-se dos espaços virtuais nesta modalidade.

Analisou-se os seis fóruns que foram disponibilizados em uma disciplina, ocorrida no período de um semestre, avaliando-se do primeiro ao último, considerando-se as modificações que ocorreram no desenvolvimento de cada um.

O método utilizado para este trabalho foi de uma pesquisa exploratória na forma de um estudo de caso. O referencial teórico que fundamentou foi a Epistemologia Genética de Jean Piaget, pois acredita-se que esta propicia os subsídios necessários ao que se propõe. Além deste, utilizou-se autores atuais que se consagram aos estudos em Educação a Distância, como Moran (2011), Peters (2002), Behar (2009), Corbellini e Real (2012), entre outros.

Os resultados que esta pesquisa alcançou demonstram a importância de propiciarem-se espaços para a interatividade entre os sujeitos e apontar que diferentes intervenções, uma alteração da concepção epistemológica, acarretam diferentes consequências no processo de construção da autonomia pelo aluno. Destaca-se que, a mediação pedagógica, entendida aqui como atitude, a postura do professor de ser um facilitador, incentivador da aprendizagem, que colabora ativamente para que o aprendente alcance seus objetivos (MASOTTO, 2000), pode atuar como um fomento para este processo, auxiliando na passagem da heteronomia à autonomia.

2. Educação Semipresencial: novo paradigma

O cotidiano das nossas escolas tem buscado a cada dia adequar-se às exigências que o novo mundo tem imposto. Desta forma, as práxis docentes estão em reformulações, procurando ser mais interativas e cooperativas utilizando-se das tecnologias, acompanhando as teorias pedagógicas construtivistas. Assim, salienta-se que estas interações partem de uma demanda do sistema social (no qual a escola encontra-se incluída) por trabalhadores mais cooperativos, mais criativos, autônomos e pró-ativos.

As escolas ao buscar acompanhar estas demandas têm demonstrado uma preocupação com a inserção de novas metodologias, de maneira que possibilitem aos alunos atuarem em grupos, trocando experiências, cooperando uns com os outros e aprendendo e ensinando ao mesmo tempo.

A Educação a Distância (EAD) surge como uma modalidade adequada às novas demandas educacionais impostas pelo mundo globalizado. Com a Gestão do Conhecimento se buscam possibilidades em que o conhecimento seja utilizado como vantagem competitiva.

Atualmente, tanto as empresas, como as universidades têm se dedicado a pesquisar os melhores usos deste tipo de educação, objetivando o aprimoramento da mesma. Silva (2009) ao abordar o tema da Educação Corporativa, refere:

Esse contexto expõe a essência do pensamento que prevalece na atual sociedade, em que a informação é o elemento-chave. Educar, nessa perspectiva, significa muito mais que treinar as pessoas para o uso das TICs... [...]. Assim, as empresas, seus setores educacionais e as instituições de ensino eleitas pela sociedade para este fim precisam estar atentas para promover as alterações necessárias em seus modelos de gestão do conhecimento e ensino (p. 235).

A EAD é uma modalidade de ensino que possui características específicas. Nesta, o processo de ensino-aprendizagem não se realiza em um espaço físico compartilhado por

docentes e discentes. É mediado por materiais tecnológicos e as estruturas do curso são especialmente concebidas para este fim.

Um dos principais desafios que a EAD promove é o de mudança de paradigmas que sustentem esta modalidade. Entretanto, romper os paradigmas da educação tradicional é um árduo trabalho, como por exemplo, passar dos prédios escolares para o ciberespaço, de um papel de professor para o de um facilitador de aprendizagem.

No conceituar de Peters (2002, p. 48), paradigma é derivado do latim, significando modelo ou exemplo. Para o autor, “uma mudança de paradigma na educação poderia significar que na educação certos modelos ou padrões não existem mais por que novos modelos ou padrões que diferem dos antigos que, de modo marcante, os substituíram”.

Bitencourt (2009) reflete que na EaD pode estar em jogo relações mais flexíveis e fronteiras mais fluidas, ou seja, aponta para a possibilidade de desterritorialização do aprender. Com isto, abre-se espaço para a implantação de novas propostas pedagógicas que visem a ampliação das condições didático pedagógicas para a melhoria dos trabalhos nos cursos a distância. Desta maneira, o fórum pode se tornar uma ferramenta que possibilite interações, isto é, inter-ações, ou ações ativas entre os participantes que podem conduzir a cooperação e a autonomia.

Castro e Freitas (2011) buscam compreender como a escrita desenvolvida em uma ambiente virtual de aprendizagem (Ava) contribui para a aprendizagem dos alunos.

Conforme Behar (2009), a educação atual vive um momento de transformação, e os paradigmas vigentes na sociedade não são suficientes para dar conta das relações, necessidades e desafios sociais. A autora refere que o modelo educativo de hoje privilegia o ensino tecnicista, que tem por objetivo preparar os sujeitos para o desempenho de papéis específicos, sendo que através desta prática, os discentes têm dificuldades de relacionar o conteúdo estudado com a realidade, não se sentindo instigados a investigar um tema.

O ciberespaço, ao provocar mudanças na Educação (em suas diferentes modalidades) pode provocar subsídios para novas respostas para novas demandas, rompendo desta forma, o paradigma tradicional da educação (unidirecional, reprodutor, individualista, fragmentado e disciplinar) e possibilitando a emergência de um novo paradigma (multidirecional, produtor, coletivo, transdisciplinar e colaborativo) através do desenvolvimento de comunidades de aprendizagem colaborativa (MORAN, MASETTO e BEHRENS, 2000).

O movimento de transição de paradigmas acarreta implicações para a educação presencial e semipresencial. A Educação Semipresencial de acordo com a portaria nº 4.059 de 10 de dezembro de 2004, do Ministério da Educação determina:

§ 1o. Para fins desta Portaria, caracteriza-se a modalidade semi-presencial como quaisquer atividades didáticas, módulos ou unidades de ensino-aprendizagem centrados na auto-aprendizagem e com a mediação de recursos didáticos organizados em diferentes suportes de informação que utilizem tecnologias de comunicação remota.

§ 2o. Poderão ser ofertadas as disciplinas referidas no caput, integral ou parcialmente, desde que esta oferta não ultrapasse 20 % (vinte por cento) da carga horária total do curso.

Conforme Peters (2002), atravessamos uma revolução pedagógica na EAD, decorrente do uso crescente de ambientes informatizados de aprendizagem. A velocidade imposta pela rede impõe avanços imensuráveis. A aprendizagem *online* fornece meios para lidarmos com as novas demandas sociais, os novos objetivos educacionais, assim como o novo aluno.

A utilização das tecnologias ligadas à área da educação apresenta várias possibilidades para integrar conhecimentos e pessoas, mas para tanto, é necessário uma construção que seja feita de forma coletiva e requer que o seu uso seja realizado com novas formas de interação.

Real e Picetti (2012) afirmam que entre as diferentes formas de interação nos Ava, o fórum de discussão pode ser um espaço rico de expressão de ideias, trocas de opiniões, elaborações de novos pensamentos, ou seja, de intenso debate e de possibilidades de construção de conhecimentos. Para estas autoras, o fórum pode se tornar um espaço de encontro entre os autores possibilitando diferentes formas de analisar e refletir, podendo constituir-se assim, como um espaço de aceitação dos diversos pensamentos e de diferentes níveis de aprendizagem.

De acordo com Corbellini e Real (2012) os contornos da Educação atual fazem com que os pesquisadores se debruçam para encontrar novas respostas à melhoria do processo de ensino-aprendizagem. As autoras salientam a necessidade de investigações de novas metodologias de ensino visando qualificar as práticas, as relações nos AVAs, a formação continuada, entre outros aspectos constituintes da EAD.

Assim, parte-se do pressuposto que as tecnologias da informação e comunicação (TICs) podem propiciar novas formas de relações: novo papel do professor que passa a ser facilitador, novo papel do aluno com maior atividade e uma maior interatividade entre os atores causada por estes novos papéis, pela diversidade de recursos, de espaços, de metodologias de aprendizagem e desta forma, fomentar novas possibilidades para o processo de ensino-aprendizagem.

3 Autonomia: da Coação à Cooperação

Como se alcança a autonomia?

Com esta pergunta, procura-se investigar como é possível alcançar a autonomia, de acordo com o conceito de Jean Piaget, dentro de um percurso de uma disciplina semipresencial, analisada em seu espaço virtual, que é o foco neste momento.

Primeiramente, nos compete definir autonomia. Para tanto, utiliza-se a referência da Epistemologia Genética para compreender a autonomia e a sua construção dentro de um espaço virtual. Autonomia é autogoverno, é o sujeito submeter-se por sua conta e risco à disciplina que ele próprio escolhe (PIAGET, 1998). No Julgamento Moral na Criança, Piaget (1977) aborda o desenvolvimento moral e explica que a criança passa por duas fases até chegar à autonomia, sendo elas a anomia e a heteronomia. A anomia, fundamentalmente, equivale à ausência de regras. É uma etapa constituinte e na qual, a criança é totalmente egocêntrica e as suas condutas são determinadas pelas suas necessidades. Lentamente, a criança vai diferenciando e percebendo que o universo a sua volta possui regras e que essas independem de suas necessidades, conduzindo dessa forma, à heteronomia.

Na fase da heteronomia, a criança aprende que é necessário respeitar a autoridade. Neste momento, não há questionamentos sobre as ordens, nem consciência dos porquês, somente a obediência às figuras de autoridade. Não existe noção própria do certo e errado, sendo que correto é o que é ditado pela autoridade. O sujeito obedece às regras por temer a punição e desejar a aprovação. Piaget (1998) aponta para o respeito mútuo, com a solidariedade externa e interna, na qual a primeira, é característica da heteronomia. Com a solidariedade interna, os sujeitos passam a responder aos pontos de vista do grupo coordenados e sem seja necessário excluir as particularidades dos sujeitos, o que implica em autonomia.

Assim, ele vai estabelecendo relações de cooperação, como produto do respeito mútuo e

construindo a autonomia. O sujeito autônomo possui princípios éticos e morais que conduzem as suas relações com os outros. Os deveres são cumpridos baseados na necessidade de trocas. A consciência não é mais subordinada a presença da autoridade. O sujeito passa a atuar por consciência própria e pelos valores que internalizou.

Neste sentido as relações pedagógicas só podem supor um clima de confiança, no qual a afetividade está compreendida. Na realidade a educação forma um todo indissociável e não é possível formar personalidades autônomas no domínio moral se, por outro lado, o indivíduo está submetido a uma coerção intelectual tal que deva se limitar a aprender passivamente, sem tentar descobrir por si mesmo a verdade: se ele é passivo intelectualmente não pode ser livre moralmente. Mas reciprocamente, se sua moral consiste exclusivamente numa submissão à vontade adulta e se as únicas relações sociais que constituem a vida da classe escolar são as que ligam cada aluno individualmente a um mestre que determina todos os poderes, ele não pode tampouco ser ativo intelectualmente (PIAGET, 1973 *apud* DOLLE, 1987, p. 198).

A anomia e a heteronomia vão sendo superadas conforme a evolução das relações, até a conquista da autonomia. Requer respeito mútuo entre adulto e criança; bem como entre criança e criança; estabelecendo-se relações de cooperação. Desta forma, Piaget (1998) destaca que a convivência em grupo, a cooperação, as sanções baseadas na reciprocidade são considerados caminhos para o desenvolvimento da autonomia.

É onde a cooperação implica um sistema de normas, diferindo da suposta livre troca cuja liberdade se torna ilusória pela ausência de tais normas. E é porque a verdadeira cooperação é tão frágil e tão rara no estado social dividido entre os interesses e as submissões, assim como a razão permanece tão frágil e tão rara em relação às ilusões subjetivas e ao peso das tradições (Piaget, 1973, p. 111).

A cooperação, requisito para esta construção requer uma descentração em relação ao egocentrismo intelectual e moral, liberando em relação às coações que este egocentrismo mantém. Requer um sistema de normas no qual cada um torne-se responsável por ele. Conforme Piaget (1973), a cooperação é um tipo de interação em que é necessário que os valores trocados estejam em equilíbrio, que não haja opressão ou abuso. A cooperação é considerada um acordo (implícito ou explícito) entre as partes, de uma forma clara e na qual todos ganham, sendo considerado o melhor caminho para o desenvolvimento da autonomia.

Importante destacar que em Piaget, a ideia de cooperação é antagônica à de coação. Na coação trata-se de fazer como os outros, pelo critério da semelhança, enquanto na cooperação, o critério é o da reciprocidade, que significa coordenar o ponto de vista próprio com o ponto de vista do outro. Então, “a coação fornece um modelo (conteúdo) a ser seguido e a cooperação, um método (uma forma)” (LA TAILLE, 1992, p. 61).

Salienta-se, desta maneira, que a passagem da coação à cooperação; ou, a passagem da heteronomia à autonomia é fruto de uma construção e, requer constantes descentrações nesse processo.

4. Percurso Metodológico

Trata-se de uma pesquisa qualitativa na forma de estudo de caso de uma turma de uma disciplina de graduação em uma Universidade federal. A turma era composta por 33 alunos, mais um professor e um monitor. Esta disciplina ocorria na modalidade

semipresencial, conforme determinado pelo Ministério da Educação e com frequência semanal pelo período de um semestre.

Este recorte faz parte de um projeto de pesquisa desenvolvido na universidade sobre a apropriação dos discentes nos ambientes virtuais de aprendizagem. O objetivo específico neste trabalho é investigar uma turma na qual se constatou *a posteriori*, uma mudança no processo de ensino-aprendizagem, passando de uma aprendizagem heterônoma para uma autônoma.

A pesquisa documental, conforme Yin (2010) auxilia a evidenciar informações advindas de outras fontes e utilizamo-nos do estudo de caso, considerando-o como uma estratégia privilegiada para a compreensão dos fenômenos que se objetiva compreender. Aqui, foram analisados, através de uma releitura, os seis fóruns da disciplina, atendo-nos às modificações discursivas que demonstraram uma mudança de posição do aluno, de heterônomo (respondendo ao que é perguntado) para autônomo (participativo e indo além do requerido pelo professor).

A teoria piagetiana fundamentou a prática e a análise de dados do presente trabalho. A epistemologia genética demonstra o desenvolvimento a partir da cooperação, como forma e em subsídio suficiente para o objetivo a que este trabalho se propõe.

Com estas delimitações, procura-se investigar esse processo, visando respondermos ao nosso problema: “Como ocorre a construção da autonomia do aluno na EAD?”

5. Categorias de Análise

Nesta disciplina foram realizados seis fóruns: (1) Fórum de Recuperação, (2) Fórum: Quem sou eu?, (3) Discutindo Convivências, (4) Discutindo Família e Autoridade, (5) Fórum sobre a Adolescência e (6) Aprendizagem Amorosa.

O **Fórum de Recuperação**: fórum direcionado ao recebimento de trabalhos atrasados. Os alunos que entraram, postaram o seu trabalho, dirigindo-se especificamente a professora, com algum comentário sobre o seu trabalho. Teve oito postagens, sendo que todas elas eram de entrega de trabalhos em atraso, sem interação entre os membros.

O segundo **Fórum “Quem sou eu?”**: trata-se de uma dinâmica de apresentação online, na qual cada aluno deve escolher três objetos com os quais se identifica e postar no fórum, visando com que as pessoas do grupo se conheçam um pouco mais. Este fórum teve 23 postagens, sendo uma da professora. Neste espaço também não ocorreu interações. Cada aluno postou a sua “apresentação” e não houve comentários. Esta dinâmica trata-se de um Objeto de Aprendizagem desenvolvido nessa Universidade.

Já o **Fórum Discutindo Convivências**: tinha como objetivo a discussão de um texto. O texto foi disponibilizado no AVA, assim como outros materiais de apoio. Este fórum recebeu 22 postagens. Neste fórum houve interações. A frase de chamada postada pela professora ao iniciar o fórum foi: *Que questões o texto aborda sobre as transformações na convivência? Que ideias o texto traz para pensarmos no nosso dia a dia? Podemos pensar em exemplos?*

Observou-se que somente a partir da sexta postagem, uma aluna leu os escritos dos colegas e fez uma consideração mais ampla, dizendo: *Concordo com as considerações feitas pelos colegas [...]*. Seguiram-se outros comentários nos quais os escritos dos colegas eram considerados: *Concordo com o que foi falado anteriormente [...]* e, outra postagem: *Concordo com o que já foi colocado pelos colegas aqui [...]*. Teve no percurso do fórum, uma intervenção da professora: *Acho que a turma conseguiu partilhar algumas ideias e experiências no fórum [...]* Continuando, a professora traz comentários de uma aluna, relançando ao grupo a questão para ser debatida em sala de

aula presencial. Observou-se que após esta intervenção houve mais cinco postagens, mas nenhuma interação ou demonstração de leitura das anteriores.

O **Fórum Discutindo Família e Autoridade** teve por objetivo debater as novas configurações familiares e a questão da autoridade. Houve 22 postagens. A frase de chamada da professora convidava os alunos a discutirem a partir do texto base. Neste fórum, a partir do quarto comentário, já se observou que havia leitura das postagens dos colegas. E, até o final do fórum, conseguiu-se verificar que estavam cuidando o que os colegas comentavam sobre o assunto: *Concordo com o que inúmeros colegas debateram durante todo o fórum [...]*.

O **Fórum da Adolescência** propunha a discussão a partir de um texto base. Houve 22 postagens. A frase de chamada da professora convidando os alunos a se posicionarem em relação ao assunto a partir do texto e de outras leituras que tivessem realizado sobre o tema proposto. Neste fórum, inicialmente houve pouca interação. Na quinta postagem, ocorreu uma mediação da professora, trazendo comentários de uma aluna e relançando-os em forma de pergunta aos alunos.

Após esta intervenção tiveram mais 14 postagens, nas quais se observou que os alunos conseguiram se distanciar um pouco do texto, refletindo sobre as indagações que a professora lançou no fórum, citando outras fontes e trazendo experiências e exemplos pessoais. Após a professora deu o fórum por encerrado e, ainda assim, teve mais duas participações.

E o último, **Fórum Aprendizagem Amorosa**, direcionava o debate sobre as transformações na convivência de aceitação do outro como legítimo outro. Foram realizadas 20 postagens. Houve a frase de chamada da professora, apontando para o texto e questionando sobre os pontos que despertaram maior interesse nos alunos.

Este último fórum mostra um maior envolvimento entre os alunos. Observa-se que a maioria leu os comentários postados, interagiram uns com os outros, questionando e complementando o que os colegas colocaram. São trazidos mais exemplos, questionamentos ligados às práticas pessoais e busca de uma construção coletiva de respostas. Exemplo de uma postagem: *Como alguns colegas já relataram, ao ler o texto não tem como fugir da área de atuação, [...], pois devemos aceitar todo o paciente igualmente, pedindo sua colaboração e também vindo a colaborar com sua melhora e suas dificuldades.*

6. Considerações Finais

O uso das tecnologias nas instituições escolares tem requerido novas formas de relacionarmos com o processo de ensino-aprendizagem. O aluno de hoje, imerso no universo tecnológico, possui o conhecimento ao seu alcance e, uma rede de pessoas para contatar, trocar, interagir.

Pode-se destacar que os ambientes virtuais de aprendizagem fornecem uma gama de possibilidades de maneiras de interagir-se. O acesso de todos ao processo, faz com que a aprendizagem torne-se mais dinâmica, o conhecimento está disponível para todos e não somente ao professor. O aluno, hoje, encontra na rede o “saber do professor”. Este leque de conhecimentos está disponível para aqueles que ousarem se aventurar, procurando, selecionando e construindo novos saberes. A riqueza que os AVAS proporcionam, quando bem exploradas pelo professor, como uma ponte de acesso para auxiliar aos alunos nas suas travessias, pode ser uma fonte de construção de autonomia dos alunos.

Assim, as ferramentas que os AVAS disponibilizam, podem ser utilizadas pelos professores de diversas formas, estimulando o trabalho individual ou o grupal. Neste

caso específico, em que foi analisada a ferramenta fórum, que é um espaço de interação assíncrono e que pode ser configurado e conduzido de forma tal que leve os alunos a apropriem-se do espaço, trocando entre eles, com o professor, compartilhando saberes e, tecendo uma rede na qual o objetivo seja a construção de conhecimento.

As relações que primam pela cooperação são um recurso essencial para o alcance da autonomia. Desta forma, apontam-se as interações, os diálogos, as trocas, os trabalhos em grupo, servem como um *plus* nesse processo. Assim, é necessário que estes espaços sejam constituídos nos ambientes virtuais de aprendizagem e que os professores atuem como mediadores, relançando o processo.

O que pode-se verificar na análise sobre o acompanhamento dos fóruns nesta disciplina semipresencial, corroborou a teoria piagetiana. Através da sistematização dos seis fóruns, percebeu-se uma evolução nos comentários dos alunos, entendendo-se aqui por uma evolução qualitativa. Foi estabelecido como diferenciações as postagens **com ou sem** algum tipo de interação ou direcionamento ao discurso dos colegas. Neste sentido, pode-se afirmar que houve um crescimento de trocas, de reconhecimento do outro, de inclusão das ideias de todos e a busca por um conhecimento coletivo.

Salienta-se que houve pouca mediação por parte da professora, uma vez que o intuito era justamente de incentivar os alunos a se autogovernarem. Mas, considera-se importante frisar as mediações feitas e analisá-las no contexto para instigar novas reflexões. As frases de abertura dos fóruns são consideradas como mediações e observa-se que nos dois primeiros fóruns, onde não houve interações, as frases de chamada eram afirmativas, como por exemplo, no fórum 1: *Postar aqui a recuperação dos fóruns anteriores até o dia 17.12*. Já os demais fóruns, tinham a frase de abertura em forma de interrogação, ou seja, uma questão para responderem. O que se pode destacar é que estas mediações interrogativas tiveram como efeito uma maior participação.

Além disto, foi estabelecido um contraponto em duas intervenções realizadas pela professora, buscando um entendimento do que ocorreu no processo.

	Intervenção	Efeito
I	A professora traz comentários postados no fórum por uma aluna, relançando ao grupo a questão, convidando-os a debaterem na aula presencial.	Houve mais cinco postagens, mas nenhuma interação ou demonstração de que leram as anteriores (cumprimento da tarefa).
II	A professora retoma uma postagem de uma aluna, realçando-a e remetendo-a ao grupo de forma interrogativa.	Foram realizadas mais 14 postagens, nas quais se observou que os alunos conseguiram se distanciar do texto, refletirem sobre as indagações lançadas pela professora, citações de outras fontes e ampliando o debate com experiências e exemplos pessoais. Mesmo com o encerramento do fórum, teve mais duas participações.

A partir dos efeitos das duas intervenções, constata-se que na primeira, aonde a intervenção conduz a outro espaço a discussão – sala de aula presencial –, “fechando” o que estava constituído, as relações se modificam e não ocorrem mais interações. Na segunda intervenção, o processo é relançado, abrindo uma nova questão, o que convida os alunos a participarem e a buscarem respostas.

Compete ao professor, criar as condições para que os alunos possam operar em rede em trabalhos cooperativos, gerados pelo uso das TICs. Desta forma, a mediação pode ser um fator facilitador para o trabalho em grupo e as TICs, propiciam a criação de ambientes ricos, motivadores, interativos, colaborativos e cooperativos, como aponta Moran (2011).

Desta forma, salientar que o ambiente virtual escolhido; bem como a ferramenta utilizada tem proporcional influência no processo de mediação, pois há diversos AVAs e diferentes ferramentas, sendo que cada qual propicia um tipo de interação, síncrona ou assíncrona. Nesta, utilizamos o fórum, que conforme Fernandes (2004) é uma ferramenta para postar dúvidas, textos e discussões que não precisam ser realizadas de forma síncrona, as mensagens são organizadas na tela e existe possibilidade de personalizá-lo e postar imagens.

Desta forma, o estudo corrobora com estes autores, apontando que o fórum é um espaço privilegiado para auxiliar na construção, não somente de conhecimentos, mas também de autonomia dos sujeitos. Salienta-se a importância da mediação neste processo, como um instrumento fundamental para as aquisições que se pretendem dentro da Educação.

A mediação significa ação e parte do sujeito em relação ao objeto, é um movimento que implica em uma intervenção em um determinado contexto. Assim, considera-se que o possibilitar espaços é uma função de mediação do docente. Abrir questões, criar conflitos, propiciar as trocas entre os alunos, a participação em grupo, as relações de cooperação uns com os outros na busca de responder ao que é proposto pode ser um recurso valioso para a construção da autonomia. Ou, como refere Piaget (1977), que a personalidade autônoma é o produto mais refinado da socialização e, uma construção ativa do sujeito.

E, Piaget afirma que o progresso na aquisição do conhecimento não advém somente do aperfeiçoamento dos esquemas, mas na possibilidade de relativizar os vários pontos de vista possíveis (PIAGET, 1973). Com isto, destaca-se que, não é suficiente introduzir as TICs na educação. É vital refletir sobre o ‘como’ elas serão disponibilizadas no ambiente virtual de aprendizagem, desconstruindo os princípios de uma educação receptiva e construindo alicerces para uma educação ativa; ou seja, possibilitar ir da heteronomia à autonomia.

REFERÊNCIAS

- BITENCOURT, R. **A educação a distância como estratégia de produção de novas identidades**. Prometeus: Filosofia em Revista, 2000.
- BEHAR, P.; MACEDO, A.; AMARAL, C.; ALBA, C.; SCHNEIDER, D.; LONGHI, M.; BERCHT, M.; BERNARDI, M. BECKER, M.; NOTARE, M.; WALQUIL, M.; LEITE, S.; MORESCO, S.; FROZI, A. (Org.). **Modelos pedagógicos em educação a distância**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- CASTRO e FREITAS. **Escrever sobre “alfabetização e letramento” em um fórum de discussão do ambiente Moodle: um exercício de aprendizagem e construção de conceitos científicos**. Revista Contemporânea de Educação. V. 6, n. 12, 2011. Disponível em: <http://www.revistacontemporanea.fe.ufrj.br/index.php/contemporanea/article/view/145>
- Acesso em: 25.04.13.
- CORBELLINI, S., REAL, L. M. C. **Caleidoscópio: As Multivisões Facetadas da Pesquisa Cooperativa na Educação a Distância**, 2012, Disponível

- em:<<http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/index.php/sied/search/titles?searchPage=3>>
Acesso em 10 out. 2012, 10: 30: 30.
- DOLLE, J. M. **Para compreender Jean Piaget**: uma iniciação à psicologia genética piagetiana. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1987.
- FERNANDES, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LA TAYLLE, Y. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus Ed, 1992.
- MASETTO, M., MORAN, J. M. e BEHRENS, M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus Editora, 2000.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**.
http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/nova/acs_portaria4059.pdf. Acesso em 04.02.13.
- MORAN, J. **Novas tecnologias e mediação tecnológica**. 19 ed. São Paulo: Papirus, 2011.
- PETERS, O. **A Educação a Distância em transição, Tendências e Desafios**. Editora Unisinos 2002.
- PIAGET, J. **Estudos sociológicos**. São Paulo: Companhia Editora Forense, 1973.
- PIAGET, J. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.
- PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** 16 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- PIAGET, J. **Sobre a pedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- REAL e PICETTI. **Fórum de discussão**: espaço de possibilidades de transformações na convivência. Anais do Segundo MoodleMootUY, Montevideo, Uruguay, 2012.
- SILVA, R. a Educação Corporativa: universidades corporativas. In: LITTO, F. E FORMIGA, M. (Orgs.). **Educação a Distância**: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009, p. 230 - 236.
- YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 4º Ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.